



**COMPANHIAS DE EMBOSCADA:
UMA INOVAÇÃO BAIANA QUE TRANSCENDEU
O ASPECTO MILITAR E ABRIU AS PORTAS
PARA A BRASILIDADE**

Cláudio Ricardo Hehl Forjaz



Resumo: O ano de 2024 marcou não somente os 400 anos do início das invasões holandesas à colônia luso-americana, também conhecida como a Guerra do Açúcar (1624-1654), mas também como o quarto centenário do florescimento da Guerra Brasilica. Da queda da capital do Brasil, Salvador, em maio de 1624, as companhias de emboscadas surgiram como um recurso da derrota militar para se tornarem o núcleo de concentração das forças e vontades de um povo que nascia para se transformar na mais bem sucedida experiência humana dos trópicos. Diferentemente das tropas regulares portuguesas, seus combatentes inovaram, aplicando o conhecimento do terreno e das armas que dispunham, e mais, investindo nos momentos em que o inimigo estava desprevenido. Assim, mesmo em inferioridade numérica e de poder de fogo, foram capazes de deter a avalanche estrangeira e mantê-la restrita a um espaço que, quando se fez presente uma força militar terrestre e naval a sua altura, pode desmantelá-la e levá-la à rendição, reconquistando a capital luso-americana. De soldados a capitães, seus componentes expulsariam de vez os invasores, e, como governadores, expandiriam as fronteiras do Brasil até o coração do continente.

Palavras-chave: Companhias de emboscada, Invasões Holandesas no Brasil, História Militar do Brasil.

Abstract: The year 2024 marked not only the 400th anniversary of the start of the Dutch invasions of the Portuguese-American colony, also known as the Sugar War (1624-1654), but also the fourth centenary of the flowering of the Brasilica War. From the fall of Brazil's capital, Salvador, in May 1624, ambush companies emerged as a resource from military defeat to become the nucleus of concentration of the forces and will of a people who were born to become the most successful human experience in the tropics. Unlike the regular Portuguese troops, their combatants innovated, applying their knowledge of the terrain and the weapons at their disposal, and moreover, investing in moments when the enemy was off guard. Thus, even though they were outnumbered and outgunned, they were able to halt the foreign avalanche and keep it restricted to an area that, when a military force on land and sea equal to it arrived, was able to dismantle it and force it to surrender, reconquering the Portuguese-American capital. From soldiers to captains, its members would expel the invaders once and for all, and, as governors, they would expand Brazil's borders to the heart of the continent.

Keywords: Ambush Companies, Dutch Invasions of Brazil, Military History of Brazil.

INTRODUÇÃO

O ano de 2024 marcou os 400 anos das invasões holandesas na colônia luso-americana, conhecidas como Guerra do Açúcar (1624-1654). Esse período também celebra o quarto centenário da Guerra Brasilica, um conflito motivado pelo desejo da Companhia das Índias Ocidentais (WIC) de dominar as terras produtoras de açúcar, chamadas *Zuickerland*.

Em 8 de maio de 1624, tiveram início as chamadas invasões holandesas no Brasil, quando uma frota chegou a Salvador forçando a entrada nos fortes da cidade e tomando seu controle. Aproximadamente 1.600 defensores, incluindo soldados e milicianos, enfrentaram a WIC. Após a conquista, dois dias depois, os invasores transformaram suas edificações em quartéis, alojamentos e depósitos (Laet, 1912).



Fig. 1 - Mapa ilustrativo do ataque realizado no princípio de maio de 1624, pela frota da Companhia das Índias Ocidentais (WIC) a Salvador, capital do Estado do Brasil.

Fonte: Estado-Maior do Exército, 1972.

A cidade foi assolada por saques e destruição, enquanto os habitantes e vizinhos se organizaram para enfrentar as adversidades. Após a conquista da capital, os holandeses reforçaram suas defesas e expandiram seus domínios, chamando a área de Terra Batávica, que se estendia da barra até Itapagipe, e incluía postos avançados na ilha de Itaparica.

UMA INOVAÇÃO SALVA A SITUAÇÃO

Os luso-brasileiros resistiram ao avanço dos neerlandeses. Desde a queda de Salvador, em 10 de maio de 1624, até a chegada da Jornada dos Vassalos, em 27 de março de 1625, haveria constantes conflitos entre invasores e moradores, principalmente na baía de Todos os Santos, pois a resistência negaria aos invasores aquele que foi seu principal objetivo da operação bélica: o controle estratégico da produção e escoamento do açúcar.

Primeiras ações administrativas e militares dos invadidos

Os habitantes de Salvador rumaram para o Recôncavo. Com o governador-geral do Estado do Brasil capturado, esses deslocados organizaram uma Junta Governativa na Pitanga e elaboraram planos de resistência. Para assumir a chefia da junta, elegeram o bispo D. Marcos Teixeira de Mendonça, e para o governo-geral, Matias de Albuquerque Coelho, então governador de Pernambuco. Com poucos homens, iniciaram a resistência¹.

¹ Dos remanescentes da primeira batalha de Salvador, a junta conseguiu arregimentar cerca de 450 colonos e 250 índios. Eles foram distribuídos em seis companhias, sob o comando dos capitães Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, Lourenço de Brito Corrêa, Francisco de Barbuda, Diogo da Silva, Melchior Brandão e Melchior Fonseca (Freyre, 1977).



Enquanto isso, os holandeses consolidaram suas defesas em Salvador, para depois tentarem expandir seus domínios para as áreas canavieiras. No dia 15 de maio, quando saíram da cidade para saquear uma quinta dos padres nas redondezas, foram emboscados por silvícolas que ali viviam. Dias depois, fato semelhante ocorreria nas cercanias da Terra Batávica².

No dia 13 de junho, dia de Santo Antônio, o mais popular nas terras luso-americanas, os baianos atacaram as muralhas meridionais de Salvador, sendo derrotados. Após falhar em ataques diretos, e diante do sucesso de outras tocaias espontâneas contra os invasores fora dos portões da cidade, a resistência passou a implementar táticas de guerrilha para conter os invasores. Estabeleceram um cerco a Salvador, utilizando ações dinâmicas e emboscadas para manter os invasores ocupados até a chegada de reforços da metrópole.

Para isso, seria preciso cercá-la, tocaiando o adversário que tentasse se aventurar fora dos limites da capital. Assim sendo, o Conselho de Guerra resolveu deixar a aldeia do Espírito Santo de Ipitanga e estacionar suas forças mais próximas a Salvador, na região do rio Vermelho. Situada a uma légua de distância da urbe neerlandesa, era uma região mais fácil de ser protegida, pois, além de ter um rio caudaloso, poderia ser ocupado o alto de um outeiro, dominante na área. Ali, desde o século anterior, funcionava uma propriedade jesuíta, que antes cuidava de uma de suas missões e que permaneceu como local para repouso dos religiosos, retiros e férias dos seminaristas (Behrens, 2004).

As bases para a formação das companhias de emboscada

Como estavam em beligerância contra um invasor mais poderoso, as operações bélicas tiveram prioridade sobre as demais atividades naquele momento. Assim, quem tivesse experiência militar deveria exercer o comando, ou assessorá-lo. Militares profissionais já serviam nas terras luso-americanas, há mais de meio século, na verdade, desde 1549, quando as primeiras forças regulares desembarcaram no Brasil. Eram aproximadamente 600 voluntários portugueses que vinham com o primeiro governador-geral do Estado do Brasil, Tomé de Sousa, para compor a guarnição da Bahia. No início do Século XVII, as forças terrestres na colônia luso-americana eram compostas por tropas de Presídio (pagas) e de Ordenanças (milícias formadas por moradores) (Estado-Maior do Exército, 1972).

A queda de Salvador para os batavos demonstrou a ineficácia das tropas regulares na batalha de Salvador, exigindo novas condutas. Na época, o grosso da população masculina baiana disponível para combater era composto por índios catequizados e mestiços. Eles se tornariam a espinha dorsal dos combatentes.

Há quase um século vivendo e convivendo com os nativos em um ambiente tropical, vasto e por vezes selvagem, bem diferente das terras do Velho Mundo, os colonos eram mais americanos que europeus. No Brasil, o terreno era muito diferente do que o da Europa. Com árvores, arbustos e cursos d'água, o combate tradicional em grandes formações, como os terços, era

² Inicialmente as emboscadas contra os invasores ocorreram espontaneamente, levando a baixas significativas entre os flamengos que saíam de Salvador em busca de mantimentos ou de saque. Em 15 de maio ocorreu um confronto entre baianos e holandeses perto de uma propriedade dos padres. Índios que serviam aos jesuítas emboscaram um grupo de 40 mercenários, que buscavam objetos valiosos levados para lá, resultando na morte de três deles, além dos feridos. Dias depois, os criados de Antônio Cardoso de Barros surpreenderam alguns intrusos. No confronto, cinco pereceram e outros seis foram capturados, sendo dois deles escravos dos intrusos (Vargas, 1628). Depois de algumas semanas, as tocaias levadas a cabo pelos grupos de Francisco de Castro, George de Aguiar e Manuel Gonçalves, já somavam duas dezenas de baixas entre os mercenários, o que demonstrou que ações desse tipo poderiam ter bons resultados contra um adversário militarmente superior (Salvador, 1954).



inviável. Além disso, os locais eram acostumados ao clima tropical e ao terreno, utilizavam vestes leves e andavam descalços.

A convivência de décadas entre colonos, autóctones e escravos também facilitou a organização das forças e seu emprego. Os lusos que aqui se fixaram, com o tempo começaram a conviver bem, e, inclusive a se miscigenar com eles, a ponto de formarem eles a maioria da população daquela colônia³. Adotando a língua tupi-guarani, dieta baseada na mandioca, e alguns meios de transporte e armas indígenas. Suas vestimentas eram simples, incluindo o costume de ter os pés no chão, o que lhes valeria, por vezes, a menção de um "exército dos descalços", por parte dos estrangeiros. Já os mercenários holandeses enfrentavam dificuldades devido à volumosa e pesada indumentária, inconstância no suprimento de víveres e munição, clima quente e úmido, doenças tropicais e barreiras linguísticas.

Porém, o mais importante dessa adaptação brotaria da experiência nos conflitos com os inimigos de antes, bucaneiros franceses e seus aliados ameríndios, que lhes mostraram a necessidade de conhecimentos básicos do terreno e de sobrevivência longe das linhas de abastecimento. A isso incorporaram a rápida mobilização contra um oponente comum, técnicas de rápido deslocamento, moderação no atendimento de suas necessidades básicas, além de astúcia e paciência de um bom caçador para compensar a falta de treinamento militar e de poder de fogo. Tais características seriam o cerne daquilo que a história militar chama de Guerra Brasília, uma inovação tática baseada na técnica indígena de emboscada, aprimorada pelos luso-brasileiros⁴. Assim, aos poucos foram defendendo seus torrões das incursões flamengas, bem como ganhando liberdade de ação.

Organização das companhias de emboscada

Decidido a mudar de modo de atuação, o Conselho de Guerra optou por transferir a base da resistência para a região do rio Vermelho, uma área na boca do Recôncavo, perto do mar aberto, distante cerca de uma légua de Salvador, mais fácil de defender e com alternativas de evacuação caso sucesso de uma incursão Orange. Ali se estabeleceu o Arraial do Rio Vermelho, habitado por antigos moradores da capital e por voluntários focados em enfrentá-los.

Segundo o bispo-soldado, para ali afluíam aproximadamente 1.400 moradores e 250 brasilíndios oriundos das cinco ou seis missões indígenas e dos 27 engenhos daquela capitania, que iam desde as mais próximas da capital até oito léguas continente adentro (Vargas, 1628). Posteriormente, com o desenrolar das atividades, começaram a surgir combatentes capazes de assumir o comando de uma companhia de aventureiros.

Neste pequeno núcleo militar, conviviam colonos, índios e negros, das mais diversas origens e classes sociais. Muitas vezes, pessoas passavam semanas à disposição da unidade, só retornando ao seu trabalho nos plantios e colheitas. Outros dividiam seu período de serviço, com o de seus afazeres diários. Não havia pagamento em dinheiro, exceto para os militares, que na verdade, só recebiam quando esses estavam na retaguarda, em algum fortim.

³ "Índios e mamelucos formaram a muralha movediça, viva, que foi alargando em sentido ocidental as fronteiras coloniais do Brasil ao mesmo tempo em que defenderam, na região açucareira, os estabelecimentos agrários dos ataques de piratas estrangeiros. Cada engenho de açúcar nos séculos XVI e XVII precisava manter em pé de guerra suas centenas ou pelo menos dezenas de homens prontos a defender contra selvagens ou corsários a casa de vivenda e a riqueza acumulada nos armazéns: esses homens foram na sua quase totalidade índios ou caboclos de arco e flecha" (Freyre, 1933, p. 131).

⁴ Dentre as experiências militares de enfrentamento dos invasores e seus aliados gentios merecem destaque a campanha de conquista da Paraíba, que durou cerca de três décadas e a expulsão de corsários gauleses de Ilhéus apossados por moradores e um grupo de 22 guerrilheiros liderados pelo caboclo Antônio Fernandes, mais conhecido como Catucadas, em 1595. Cf. DONATO, 1996.



A alimentação era fornecida pelos engenhos e fazendolas próximas, bem como nelas eram tratados os feridos. Um detalhe importante é que, sem dinheiro, a administração da resistência não podia arcar com despesas de pagamento de pessoal e alimentação da tropa, sendo isso, na maioria das vezes arcada pela fortuna pessoal de seus integrantes, principalmente seu comandante.

De um núcleo selecionado de combatentes foram organizadas as primeiras companhias de emboscada. Estas peças de combate bastante móveis tinham como missão, observarem os movimentos do oponente, os tocaíarem e os atormentarem, sitiando-os, interceptando suas vias de comunicação e de suprimento, restringir-lhes o movimento e impossibilitá-los de adentrar ao sertão.

As primeiras ações de emboscada contra os invasores aconteceram de forma espontânea, quando alguns deles se aventuraram fora dos portões da cidade e para as bandas da várzea de Tapuípe, em busca de bastimentos ou de saque. Segundo testemunhas, as tocaias levadas a cabo pelos grupos de Francisco de Castro, George de Aguiar e Manuel Gonçalves mataram quase duas dezenas de flamengos, o que demonstrou que ações desse tipo poderiam obter bons resultados contra um adversário militarmente superior⁵.

Para serem capazes de atender ao objetivo principal das companhias de emboscada, que era o de monitorar os movimentos do oponente, ficar na espera para surpreendê-lo e interceptar suas vias de comunicação e suprimento, optou-se por uma estrutura leve e ágil, com um efetivo variando de 25 a 40 combatentes, lideradas por cidadãos experientes em combate.

Criam-se as primeiras companhias de emboscada

Como não havia na Bahia um terço organizado, e sim guarnições nos fortes, foi mais rápida a adesão à ideia de se organizar as forças com base nas milícias pré-existentes. Depois de algum debate, optou-se por criar uma estrutura mais leve, ágil e adequada ao terreno e aos meios de que dispunham os luso-brasileiros. Entra então em cena a unidade padrão da campanha: a companhia de emboscada.

Elemento básico de combate, a companhia de emboscada era composta por um efetivo variável de 25 a 40 combatentes, comandada por um cidadão de destaque. Estes, inicialmente, foram escolhidos dentre os mais fiéis e destacados da comunidade, civil e militar, com alguma experiência em combates contra os gentios ou os franceses, ou, ainda, aqueles que já haviam passado nos corpos de ordenanças ou eram membros das tropas de presídio.

A etapa seguinte foi consolidar-se na região, erguendo as defesas do arraial e defendendo os acessos com trincheiras duplas (Vargas, 1628), ao mesmo tempo em que estabeleciam pontos estratégicos ao redor da cidadela recém-perdida⁶.

⁵ No Registro da Patente do capitão Manuel Gonçalves Dória, um mulato soteropolitano, o rei ibérico Felipe menciona que durante a ocupação holandesa na Bahia, ele foi pioneiro em organizar assaltos e emboscadas contra os rebeldes holandeses em Itapagipe e na parte do Carmo, causando muitos danos aos inimigos e obrigando-os a permanecer na cidade até a chegada das armadas ibéricas. Cf. BIBLIOTHECA NACIONAL, 1930.

⁶ Uma vigilância eficiente fundamentada em diversos postos avançados e com uma reserva pronta para agir quando necessário, constituía o protocolo padrão das companhias de emboscada. Cada posto tinha visibilidade em relação ao outro, permitindo que, ao notar a aproximação do inimigo, um deles sinalizasse ao próximo. Dessa forma, a informação chegava rapidamente ao capitão e, em seguida, ao comandante da frente. De acordo com o padre Antônio Vieira, que se uniu aos guerrilheiros nativos, os luso-brasileiros mantinham uma vigilância constante sobre as posições inimigas. Mesmo à noite havia uma monitorização regular. Passavam dias em espera, tendo o céu como cobertura e o chão como leito. Estavam expostos às variações climáticas, do frio intenso ao calor escaldante. Enfrentavam fome e sede, utilizando folhas como pratos e recipientes improvisados como copos. Apesar de todo esse desconforto, não se deixavam abalar pelo cansaço ou pelo perigo. Permaneciam imóveis, aguardando qualquer movimento do adversário para atacá-lo como uma ave de rapina. Ver VIEIRA, 2024 e SOUZA JÚNIOR, 1998.



Segundo relatos seiscentistas, nesse momento nas cercanias de Salvador, existiam 27 capitães de emboscada e 25 companhias. O exército da resistência, cuja espinha dorsal era esta citada força, seria comandado por dois “coronéis”: Antônio Cardoso de Barros e de Lourenço Cavalcanti de Albuquerque. Com a chegada de mais moradores armados e índios flecheiros, as forças ficaram assim distribuídas (Ferreira, 1945, p. 89-90):

- dois grupamentos, de aproximadamente 600 homens cada, subdivididos em seis companhias de emboscada, a comando, respectivamente, de Antônio Cardoso de Barros e de Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, recém-nomeados pela Câmara, coronéis de toda a milícia da terra e que investiriam pelos setores do Portão do Carmo e do Portão de São Bento, acidentes capitais de acesso mais fácil, pois o dique em construção pelos holandeses, bem como a escarpa, dificultava a aproximação por aquelas rotas; e

- um destacamento mais poderoso, de aproximadamente 1.000 combatentes, como força de pronta-resposta, na mão de D. Marcos Teixeira, no Arraial do Rio Vermelho, defendendo o povoado e trabalhando nas suas trincheiras, principalmente, do lado do mar, e em condições de apoiar diretamente as duas peças de manobra que sitiavam Salvador; e pelo fogo, nove peças de artilharia e meia dúzia de roqueiras, mas com pouca munição retirada de um navio.

Algumas dessas companhias tiveram atuação intensiva e outras que aparecem esporadicamente em ações maiores. Das companhias, as que guarneciam os seguintes postos merecem destaque (Salvador, 1954):

- as companhias dos capitães Vasco Carneiro e Gabriel da Costa, que defendiam uma trincheira localizada em Itapagipe (ou Tapegeipe), diante da fortaleza de São Felipe, ocupada pelos intrusos. Apoiada por duas peças de bronze, ainda contavam com uma companhia de presídio, composta por cerca de 40 soldados, como força de pronta-resposta; servia de primeira linha de defesa contra o avanço dos holandeses a uma das áreas mais ricas de engenho daquela capitania (Vargas, 1628, p. 221);

- com o escopo de sitiar o forte de São Felipe recém-ocupado pelos batavos e controlar os acessos daquele bastião ao interior da capitania, encontrava-se Manuel Gonçalves Dória, liderando as companhias dos capitães Luiz Pereira de Aguiar e Jorge de Aguiar, que guarneciam uma estância na região do baluarte de Montserrat, constituída de uma trincheira defendida com cinco falcões e duas roqueiras, e que se transformaria no núcleo de um posto de comando do setor norte das tropas baianas (Castro, 2009, p. 313);

- a companhia do capitão Jordão de Salazar, que mantinha sob seu comando uma trincheira próxima ao mar e ao porto, pronta para fazer face aos desembarques de mercenários no Recôncavo⁷;

- a estância de Montserrat, também perto do forte e nas vizinhanças da ermida de São Pedro, onde alojava as companhias dos capitães Vasco Carneiro e Gabriel da Costa Francisco de Castro, responsáveis por vigiar de uma trincheira, artilhada com duas peças de bronze, o Portão de São Bento e as muralhas adjacentes da cidadela (Castro, 2009, p. 313);

⁷ A estância de Jordão de Salazar, situada a nordeste da baía de Itapagipe e ao norte do forte São Felipe, era defendida por cerca de 60 soldados das tropas de emboscada dos capitães Francisco de Castro e Agostinho de Paredes. A principal função deles era assegurar o portilho e a costa naquela área que marcava o início do Re-côncavo baiano. Dada a sua localização estratégica, é provável que, após os primeiros confrontos em Salvador, tenha se desenvolvido e se transformado no forte de São Bartolomeu. Cf. CASTRO, ²⁰⁰⁹.



- as companhias dos capitães Francisco Padilha e Luís de Siqueira, na reserva imediata do rio Vermelho, compostas por aproximadamente 40 homens cada e acampadas em uma estância localizada na roça de Gaspar de Almeida, no acesso sul ao arraial; e

- a companhia de aventureiros do capitão Lourenço de Brito, já formada antes da invasão, que constituiria um contingente em condições de atuar como força de pronta-resposta, em qualquer das zonas de ação que se fizesse necessário.

Como o arraial ficava em cima de um monte elevado, possível de ser atingido somente por três acessos, o bispo determinou que se cavassem três trincheiras, armando-as com duas roqueiras cada uma, e designou um chefe militar como responsável para proteger cada uma delas: a do caminho que ligava à capital, foi entregou ao coronel Melchior Brandão, guarnecida pela gente do Paraguaçu; a que demandava para o Tatuípe, ficou a cargo do capitão Pero Coelho; e a terceira, que rumava para o interior, ao capitão Diogo Muniz Teles. A defesa da aldeia era composta por cerca de 200 homens, a maioria deles, soldados de presídio (militares profissionais), e liderada por um capitão-mor.

Além das já citadas, existiam outras companhias de emboscada ocupando áreas estratégicas fora da região de Salvador. Em algumas delas, como a de Francisco Dias de Ávila, senhor da Torre de Tatuapara e talvez o homem mais rico daquela capitania⁸; a de Afonso Rodrigues da Cachoeira; a de Antônio Freire; a de Pero de Campo; e a de Diogo Mendes Barradas, a maioria dos combatentes era de silvícolas flecheiros. Já a companhia de Antônio de Brito Correa, que teve seu batismo de fogo defendendo o forte novo de São Felipe, no dia 9 de maio, era heterogênea, formada por pretos, brancos e vermelhos.

Para sustentar tantos guerreiros era necessário grande gasto; mas, como a Fazenda Real na capitania estava sem condições, o bispo se dispôs a encabeçar as despesas, conseguindo fazê-lo a contento (Vieira, 2024).

Entretanto, o exército defensor não poderia ter sucesso sem o apoio imprescindível de materiais, em especial, de suprimentos e de pessoal. Para manter uma força compatível, o bispo determinou que cada freguesia enviasse cerca de 20 homens para o rio Vermelho. Desse modo, o arraial e os postos avançados eram abastecidos de carne, peixe, frutas, farinhas e outros produtos enviados do Recôncavo, além de vinho e azeite, que vinham de Pernambuco em barcos até a terra de Francisco Dias de Ávila, e depois por terra ao arraial (Salvador, 1954). Desse modo, negava-se ao adversário o interior. Sem fontes de recursos e mantimentos necessários à manutenção dos conquistadores, seu sistema logístico colapsaria⁹.

O icônico combate das Águas dos Meninos

No dia 17 de junho, o coronel Johan van Dorth e alguns soldados foram inspecionar o for-

⁸ Francisco Dias D'Ávila era um dos aliados próximos de D. Marcos. Assim, foi em suas terras, na localidade de Tatuapara, que começaram a chegar cargueiros oriundos de Pernambuco, trazendo reforços e suprimentos destinados a abastecer o arraial do Rio Vermelho e outros postos avançados. Ver SALVADOR, 1954.

⁹ Um dos médicos da frota invasora e cronista neerlandês dos episódios vivenciados por seus compatriotas, Johann Aldenburgk, escreveu que tinham permanecido muitos escravos na capital conquistada, o que levou os holandeses a embarcarem algumas dezenas deles e tentarem trocá-los por comida no interior da baía. Como os moradores se negaram, eles atacaram suas propriedades e roubaram animais, levando-os para a cidadela. Aos poucos, a opção pela força foi se tornando cada vez mais recorrente. Testemunha ocular da invasão e um dos mais estudados narradores da mesma, Aldenburgk cita que certo dia um grupo de negros a serviço dos holandeses saiu para apanhar mandioca, batatas, bananas, laranjas, ananases, limões e outras frutas. Mesmo estando armados, foram tocaiados pelos baianos que ou os renderam ou os mataram. Em outra tentativa, os escravos foram dispersos ou aprisionados pelos nativos, sendo que um dos cativos teve as mãos decepadas e foi reenviado à cidadela como exemplo vivo. Cf. BEHRENS, 2004.

te de Montserrat. No retorno, foram vítimas de uma espera armada pela companhia de emboscada de Francisco Padilha. Van Dorth foi morto pelo comandante baiano e por ele degolado, levando sua cabeça para por em exposição no Arraial do Rio Vermelho. Os mercenários recuaram para Salvador. Esta foi a primeira vez que uma companhia de emboscada atuou na sua plenitude, sendo também sua mais icônica ação nesta campanha, o que lhe valeu uma placa na entrada deste bastião.

Após este episódio, ambos os lados adotaram novos procedimentos. Para fazer face ao já consolidado sistema defensivo holandês, que priorizava como acidentes capitais os principais acessos pelas muralhas de Salvador, o Conselho de Guerra baiano posicionou forças diante dos portões do Carmo (ao norte) e São Bento (ao sul), designando seus mais bem sucedidos comandantes, os capitães Manuel Gonçalves Dória e Francisco Padilha, para liderarem os setores setentrional e meridional, respectivamente. Em cada um deles foram alocadas seis companhias de emboscada¹⁰.



Fig. 2 - Croqui que mostra a localização do Arraial do Rio Vermelho, principal centro de resistência dos baianos contra os invasores holandeses¹¹.

Fonte: Biblioteca do Exército/Odebrecht, 1998.

Novas investidas e derrotas dos invasores

Morto seu comandante, o Conselho de Guerra mercenário empossou o major Albert (Arnt, Alardo) Schoutten em seu lugar. Como seu antecessor, ele continuou dando atenção às defesas da cidade, recuperando as danificadas e construindo fortificações de campanha em locais estratégicos, antes de se arriscar em incursões pela baía ou pelo interior. Para reforçar as defesas da cidade e proteger o perímetro urbano de um ataque frontal aos muros da cidade do

¹⁰ Certa noite, sabendo os capitães Francisco de Padilha e Jorge de Aguiar, que os holandeses estavam alojados na casa de Cristóvão Vieira, ex-escrivão dos agravos, um pouco além do muro e porta de São Salvador, investiram sorrateiramente com cerca de uma dezena de guerreiros selecionados e eliminaram quatro adversários, destruindo essa e outras casas nas vizinhanças, além de roçando o mato para facilitar a observação. Nesse roçar matos e derribar casas houve alguns encontros, os guerreiros dos capitães Lourenço de Brito e Antônio Machado mataram uma vez quatro, e os de Lourenço de Brito e Luiz de Siqueira eliminaram outros. Já os neerlandeses, quando assaltaram a casa de Jorge de Magalhães, distante mais de uma légua da cidade, roubaram o que achavam de valor e queimaram o que havia pelo caminho, inclusive só não estupraram uma mulher porque chegaram os homens de Francisco Padilha, que trucidaram quatro deles, e depois levaram a moça para o rio Vermelho, quando para lá retornaram. Cf SALVADOR, 1954.

¹¹ O bispo-soldado dispôs seu contingente de modo a concentrar suas ações sobre os acessos dos portões do Carmo, ao norte, e de São Bento, ao sul. Nas cercanias da sede da WIC nas Américas, em especial nos caminhos que demandavam aos seus portões, que as contendas se concentrariam.



lado continental, Schoutten pôs em prática o plano de seu antecessor de se construir obras de defesa complementares com base em diques, atividade que eram especialistas em sua terra natal. Coube a seu capitão engenheiro projetar e supervisionar tal obra¹².

Durante o represamento das águas para formação dos diques, as companhias de embocada passaram a atuar tentando retardá-la, como ocorreu no dia 24 de junho (Vargas, 1628). Porém, o apoio cerrado dos mercenários e de suas bocas de fogo acabou prevalecendo e em poucos meses o dique se transformou num obstáculo de difícil transposição para os meios da época (Souza Júnior, 1998).

Consolidados em suas posições na urbe e temendo que os baianos se aproximassem muito de suas muradas, os neerlandeses partiram para ocupar a “terra de ninguém”. Mas suas ações também não tiveram êxito¹³.

Em 27 de julho, a WIC deslocou a frota invasora para novas operações no Caribe e na África, reduzindo sua força naval na baía de Todos os Santos para somente quatro belonaves. Mas como não havia oposição marítima, eles passaram a assediar e saquear engenhos e fazendas pela capitania. Todavia, a reação das companhias de emboscada fez prevalecer o seu valor, cujas tocaias resultaram em pesadas baixas para os flamengos.

Diante desses fracassos, os Orange mudaram de estratégia. Senhores das águas, passaram a projetar poder pelo mar. Os assaltos anfíbios tiveram como alvos preferidos a ilha de Itaparica; o Morro de São Paulo; as vilas de Boipeba, Cairu e Camumu¹⁴. Merece destaque a ação que ocorreu no dia 3 de setembro, cuja derrota dos neerlandeses foi tão significativa, que D. Marcos Teixeira recomendou ao rei ibérico seus capitães para as mais altas condecorações e ordens militares¹⁵.

O bispo-soldado tinha motivos para isso, pois quase todas as expedições holandesas fora da cidadela batávica até aquele momento, tinham sido alvo das companhias de emboscadas,

¹² Joos Coeck, capitão e engenheiro militar, foi o responsável pela fortificação da cidadela conquistada. Em novembro de 1624, ele concluiu um relatório sobre seus trabalhos, intitulado *Grontteijc-keninge van de stad BAHIA in Brasilien* (Plano da Cidade da Bahia no Brasil), onde apresenta mapas e descrições detalhadas da ocupação batava e das obras de fortificação de Salvador, muitos deles empregando sistemas defensivos de engenharia hidráulica, como dois diques represando as águas continentais a leste de Salvador, sendo que o maior deles que daria origem à atual lagoa de Tororó. Cf. MAGALHÃES, XAVIER, 2022.

¹³ No dia 17 de agosto, uma cilada próxima à saída do Carmo vitimou três e feriu oito soldados de fortuna. Pouco depois, atuando nos arredores do portão de Santa Lúcia (ou de São Bento), guerreiros do capitão Padilha mataram três flamengos e ferir outros. Em outro lugar, um grupo intruso perdeu nove europeus e sete africanos, perto de uma estância. Ver VARGAS, 1628. Uma semana depois, uma companhia de mercenários investiu sobre uma casa nas cercanias do forte São Felipe, onde antes morava seu capitão, a fim de derrubá-la. Liderados pelo comandante do setor, Manuel Gonçalves, as tropas dos capitães Jorge de Aguiar, Luís Pereira e Pero do Campo a atacaram quando a demoliam. No confronto tombaram dois neerlandeses no local e outros nas redondezas do convento do Carmo. Cf. DONATO, 1996.

¹⁴ Dentre os assaltos anfíbios holandeses daquele período, um se destacou quando eles fundearam uma belonave na baía, entre as ilhas dos Frades e de Maré, enviando lanchas para pegar um barco. O capitão mercenário Cornélio Corneles também tentou roubar mantimentos nos engenhos do rio Iguaripe e da ilha dos Frades, navegando com 25 mosqueteiros e confundindo a igreja de Nossa Senhora do Socorro com uma fortificação. Eles voltaram sem nenhum botim. Ver SALVADOR, 1954. Outro ataque ocorreu na Ponta da Cruz, na ilha de Itaparica, onde mercenários pegaram óleo de baleia e se dirigiram ao engenho de Gaspar de Azevedo. Após uma luta contra moradores da ilha, liderados por Afonso Rodrigues Adorno e Pero de Campos, oito zelandeses tombaram e 2 lanchas armadas foram capturadas. A cruz de madeira da ermida, que fora derrubada pelos protestantes, acabou venerada. Cf. SALVADOR, 1627 e DONATO, 1996. Por fim, Antônio Cardoso de Barros armou uma cilada defronte da ilha de Maré, após denúncias sobre o feitor do engenho de Simão Nunes de Mattos negociando com invasores. Ele atacou enquanto os guerreiros comiam, matando vários holandeses e capturando outros. Seis meses depois, uma das companhias de emboscada de Antônio Cardoso de Barros contra-atacou os invasores, os que não morreram, fugiram para seus barcos (Salvador, 1954, p. 404-405).

¹⁵ Naquele dia, combatentes liderados pelos capitães Antônio Machado, Antônio de Moraes, Francisco Brandão e Francisco Padilha, desbarataram um grande contingente batavo que colhia frutos no pomar de Diogo Sodré. Eles investiram com tanto vigor que, mesmo com um efetivo menor, as companhias de emboscada venceram o duelo. Dom Marcos Teixeira ficou tão contente que comemorou o feito com uma festa, cujo ápice foi a exaltação à liderança e coragem da gente da terra, agradando com mimos e honraria de Cavaleiros a alguns comandantes, além de premiar quem se destacou naquela peleja. Cf. DONATO, 1996.



reduzindo a vontade dos invasores de se aventurarem além dos limites da cidade e isolando suas guarnições nos fortes de Santo Antônio e de São Felipe¹⁶.

O SOCORRO DOS IRMÃOS

Ao saber da queda de Salvador e de sua eleição como governador-geral do Brasil, Matias de Albuquerque Coelho optou por permanecer na administração em Pernambuco e apoiar a resistência na Bahia. No dia 1º de junho, enviou mensageiros à Europa, providenciou suprimentos e criou um sistema de transporte para manter o fluxo de abastecimento (Costa, 1952). Também ordenou a construção e recuperação de bastiões nas capitanias ameaçadas.

Albuquerque enviaria duas flotilhas em socorros aos baianos. Na primeira delas, seguiu Francisco Nunes Marinho de Eça, por ele nomeado capitão-mor do Arraial do Rio Vermelho. Ex-capitão-mor da Paraíba, Nunes assumiria poderes também sobre as capitanias de Ilhéus, Porto Seguro e Sergipe, substituindo o bispo e ampliando o esforço de guerra. Com ele, seguiram voluntários comandados por Antônio Carneiro Falcato, Antônio de Moraes, D. Felipe de Moura, Lourenço Cavalcanti e Feliciano Coelho de Carvalho (Costa, 1952).

O outro socorro aproou para o Recôncavo, seis caravelões transportando voluntários pagos e comandados por figuras proeminentes em Pernambuco. Nos seus porões, suprimentos no valor de 80 mil cruzados. Desembarcando na região da torre de Garcia d'Ávila, seguiram para o quartel-general da resistência.

Entra em cena o capitão-mor do Arraial

Nunes Marinho assumiu o comando em 22 de setembro, mantendo a mesma postura e vigor que seu antecessor. Infelizmente, em 8 de outubro, uma enfermidade levou a óbito o bravo D. Marcos Teixeira de Mendonça, impulsor da defesa da Capitania Real e alma da resistência contra os holandeses. As tocaias prosseguiram, sob o comando do capitão-mor do Arraial do Rio Vermelho. Sabedor do envio de reforços pela metrópole, ele aproveitou o domínio do Recôncavo para abrir novas linhas de comunicação e suprimento, bem como fortificar melhor os engenhos e portilhos. Isso facilitaria o apoio ao primeiro escalão. Ele também planejou conquistar a fortaleza de São Felipe para obter pólvora, mas a evacuação dos invasores, em março de 1625, tornaria a ação desnecessária.

¹⁶ Na primeira jornada de agosto de 1624, o engenho da Freguesia foi atacado pelos frísios, que queimaram casas e a igreja. Os defensores, liderados por Manuel Gonçalves e André de Padilha, intervieram e interromperam o ataque. O coronel Lourenço Cavalcanti, com 40 homens, contra-atacou, levando os holandeses a embarcarem após perda de 65 homens entre mortos, feridos e capturados. O comandante do forte de Montserrat, que chefiava o destacamento, foi um dos aprisionados por Manoel Gonçalves Dória. Ver FERREIRA, 1945. Também ocorreu uma incursão em Sepetiba, que resultou em 20 baixas holandesas (Vieira, 2024). Em 13 de setembro de 1624, os baianos atacaram um destacamento, resultando na morte de sete ou oito flamengos. Em 1º de outubro, gente de Manuel Gonçalves Dória e Luís Pereira de Aguiar investiu contra um grupamento de soldados de fortuna nas proximidades do convento do Carmo. Apesar de mais numerosos, os usurpadores perderam alguns dos seus, incluindo um sargento-mor (Vargas, 1628).



Operações bem sucedidas em terra e mar

Na mesma jornada da troca de comando das forças da resistência, Manuel Gonçalves realizou uma emboscada contra a guarnição do forte de Tapagipe, matando cinco soldados. No mês seguinte, as guerrilhas luso-brasileiras repeliram novas investidas dos soldados de fortuna, resultando em baixas de soldados germânicos e auxiliares africanos da WIC (Vargas, 1628).

Veterano de campanhas contra os franceses na Paraíba, o capitão-mor do Arraial sabia da importância de agilidade nos movimentos. Por isso abriu novas rotas de suprimentos e de comunicações, encurtando os acessos a Salvador. Isto favoreceu o apoio cerrado aos elementos de primeiro escalão. Construiu trincheiras e posições mais próximas aos muros da cidadela, a ponto de permitir que fossem alvejadas a tiros e até a flechadas¹⁷.

Equacionado o problema terrestre, voltou suas atenções ao aquático. Mesmo não tendo superioridade naval, coube a Francisco Nunes criar um sistema de alerta frente às incursões anfíbias frísias. Embarcações foram posicionadas em locais estratégicos, o que não só tirou a surpresa das ações batavas, como ajudou um cargueiro português a furar o bloqueio dos usurpadores e fundear em área segura e a incendiar uma lancha inimiga¹⁸.

No final de outubro, as forças estrangeiras tinham sido reduzidas a aproximadamente 2.300 soldados e marinheiros (Ibid.). Desgastados e limitados a manobrar somente dentro dos muros da sua cidadela, começaram a surgir fissuras na moral dos mercenários¹⁹.

CHEGADA DE NOVO COMANDANTE ENVIADO POR EL-REI

Em 8 de agosto de 1624, chegava em Lisboa a notícia da queda de Salvador. Imediatamente o Reino de Portugal iniciou a mobilização de gente e material, bem como avisou ao rei Felipe IV, em Madri. Este, então, resolveu nomear um brasileiro, D. Francisco de Moura, capitão-mor do Recôncavo. Nascido em Olinda e famoso no Império Ibérico por seus serviços nos campos de batalha de Flandres e na administração de terras de El-Rei, ele substituiria Matias de Albuquerque no governo-geral do Brasil, além de assumir temporariamente o comando geral da luta contra os invasores holandeses (Freyre, 1977).

¹⁷ Em 15 de outubro, houve uma tentativa de saque de um engenho pelos holandeses, mas os defensores conseguiram repelir o ataque, resultando na morte de três germânicos e um africano (Vargas, 1628). Três dias depois, os luso-brasileiros atacaram na Fonte Nova, com a participação de um grupo de negros comandados por Antônio de Brito Correa. Cf. Behrens, 2004. No dia 20 de outubro, uma espera causou a morte de três soldados, um marinheiro e um auxiliar negro. Em 27 daquele mês, uma sentinela frísia foi morta em Tapagipe. Mais tarde, a tropa de Padilha capturou quatro inimigos e matou um europeu e cinco africanos (Vargas, 1628). Em um desafio, os batavos reuniram cerca de 200 mercenários e trabalhadores pretos para limpar o campo de tiro no sul. Logo foram atacados pelos tocaieiros baianos, resultando na morte de três soldados. Dias depois, a tropa do capitão Lourenço de Brito Correa atacou o portão de São Bento, matando 12 mercenários. Em outra ação, sete frísios e nove escravos foram mortos. Finalmente, em uma incursão no engenho de Estevão de Brito, no setor do forte de Tapagipe, os baianos eliminaram um, afugentando os demais. Cf. VARGAS, 1628.

¹⁸ O comandante luso-brasileiro posicionou duas embarcações de vigília face ao alto mar, uma na altura da praia de Itapuã e outra diante do Morro de São Paulo, a fim de alertarem sobre incursões anfíbias dos sitiados, bem como às naus ibéricas da ação de belonaves batavas (Salvador, 1954). Foi uma dessas que permitiu que, no dia 24 de setembro, os nativos socorreram um cargueiro proveniente de Viana, Portugal, que, furando o bloqueio da WIC, entrou rapidamente pela barra, indo fundear numa área segura no fundo da baía. E as ações navais dos baianos na baía de Todos os Santos prosseguiram no mês seguinte, quando no dia 9, uma lancha que apoiava o forte do norte foi incendiada pelos guerrilheiros, Cf. VARGAS, 1628.

¹⁹ ALDENBURGK (1913, p. 186), que participou como mercenário da WIC nas fases da conquista, ocupação e restauração de Salvador, relatou que, a partir do segundo semestre de 1624, ocorreram diversos julgamentos por furto, duelos e assassinato de parte de seus camaradas, inclusive com algumas penas capitais. Tais evidências mostram a queda do moral e da disciplina no seio da força invasora germânica.



Portugal envia flotilhas com reforços ao Brasil

Em 19 de agosto de 1624, duas expedições partiram de Lisboa para socorrer o Brasil, uma para a Bahia e outra para o Rio de Janeiro. A expedição para a Bahia, que conduzia o nomeado capitão-mor do Recôncavo fez uma parada em Pernambuco, levando soldados, armamento e munição. Junto, trouxe notícias do aprestamento avançado de uma poderosa armada ibérica. Em 22 de setembro, assumiu como governador-geral do Brasil, substituindo Matias de Albuquerque, que retornou ao cargo de capitão-mor de Pernambuco.

Em 3 de dezembro de 1624, D. Francisco de Moura assumiu o comando das forças da resistência como capitão-mor do Recôncavo. Um levantamento detalhado das forças de resistência e de sua localização aponta que existiam 240 guerreiros guarnecendo o Arraial do Rio Vermelho, 211 nas estâncias e 336 cercando Salvador. Em caso de necessidade, poderia arregimentar cerca de 2.000 homens em armas, habitantes das cercanias do Recôncavo, da região do Morro de São Paulo e na baía de Todos os Santos, totalizando um contingente que reunia mazombos, índios, negros e mestiços (Vargas, 1628).

O comando do capitão-mor do Recôncavo Baiano

Como seu antecessor, D. Francisco de Moura manteve a continuidade das operações da Guerra Brasílica. Mas também de ampliar a atividade naval, criando uma flotilha armada para vigiar as movimentações dos vasos adversários, D. Francisco de Moura designou um engenheiro especializado na construção de fortificações de campanha para defesa dos engenhos do Recôncavo e para apoiar as forças restauradoras que estavam a caminho²⁰.

Paralelo a isso, as emboscadas continuaram resultando em perdas para os flamengos, enquanto as forças de resistência mantinham o moral elevado. Em dezembro, os comandantes nativos realizaram escaramuças para obter informações sobre o inimigo, além do escopo de causar-lhes danos. Fruto delas, eles desistiram de incursionar na ilha de Itaparica²¹.

Os soldados de fortuna perdem outro comandante

A última ação de 1624 foi um assalto anfíbio dos flamengos, que recebeu a confirmação da chegada de uma poderosa frota ibérica. Mas, conforme um extenso e detalhado relatório, pareciam que estavam suficientemente preparados para resistirem a um cerco demorado levado a cabo por forças profissionais enviadas pelo império das Duas Coroas²².

²⁰ O capitão-mor do Recôncavo mandou seu engenheiro, Francisco de Frias Mesquita, estudar qual seria o melhor local para construir fortificações próximas às posições adversárias e para ali instalar as armas que trouxera da metrópole. O novo comandante da resistência designou os capitães mais capazes para liderarem os setores e posições estratégicas do perímetro de cerco, em especial, de onde o oponente poderia partir para realizar um ataque. Os armamentos mais leves, bem como munição, foram para eles distribuídos. Cf. VARGAS, 1628.

²¹ No dia 30 de dezembro, forças de emboscada enfrentaram mais de 300 estrangeiros liderados pelo capitão Kijf que tentavam saquear o engenho de açúcar de Itaparica, com. Eles foram surpreendidos pelos guerreiros de Paulo Coelho, capitão da ilha, e de Antônio de Brito Correa, que, protegidos por uma trincheira, dispararam contra os saqueadores, ferindo e matando alguns e obrigando-os a retornarem a Salvador (Behrens, 2004, p. 79). A vitória neste duelo levou o capitão-mor a adotar medidas de proteção, construindo fortificações nos engenhos do Recôncavo. Ele encarregou Manuel de Souza D'Eça de inspecionar as defesas. Para impedir o avanço da WIC, organizou uma flotilha com canoas e lanchas, que monitoravam as movimentações do inimigo e atrapalhavam desembarques. Souza D'Eça se tornaria o comandante daquelas defesas (Varnhagen, 2002). Para evitar novas operações anfíbias da WIC pela baía de Todos os Santos e apertar o cerco sobre os flamengos, um militar organizou uma flotilha com canoas e lanchas armadas, lideradas por João de Salazar D'Almeida. Estas embarcações monitoravam as movimentações inimigas e protegiam o transporte de suprimentos para a resistência baiana. Além disso, atrapalhavam o desembarque de suprimentos e capturavam embarcações do oponente. Algumas embarcações batavas foram capturadas graças à coragem individual dos baianos, em especial as que transitavam na rota Porto-Tapagipe. Ver VARGAS, 1628.

²² A União Ibérica (1580-1640) foi o período no qual as coroas de Portugal e Espanha estiveram unidas sob um mesmo monarca, a partir da ascensão de Filipe II de Espanha ao trono português, após a crise de sucessão iniciada com a morte de D. Sebastião e a breve regência de D. Henrique. Apesar da união dinástica, Portugal manteve formalmente suas instituições, leis e fronteiras, sendo administrado separadamente de Castela. Alguns historiadores referem-se a esse período como o "império das Duas Coroas", ressaltando a dualidade jurídica e política que, em tese, preservava a autonomia portuguesa dentro de um arranjo monárquico comum.



Se o ano de 1624 terminara mal para os zelandeses, o que se iniciou, também não trouxe bom augúrio. Em 24 de janeiro de 1625, uma nau da WIC aportara na Ribeira das Naus, trazendo mantimentos e reforços. Neste mesmo dia, o comandante da cidadela batávica, coronel Albert Schoutten, faleceu vítima de uma enfermidade. Seu irmão, Arnt Willem Schoutten, o substituiria (Salvador, 1954). Mas, para os sitiados, esta mudança seria bastante danosa, pois, ao contrário dos dois líderes anteriores, este se mostraria um profissional sofrível e um péssimo comandante.

Somente em 13 de março, quando um cargueiro zelandês desembarcou reforços e materiais, é que as coisas melhoraram para o moral dos cercados. Com ele, veio a notícia de que a Companhia das Índias Ocidentais estava finalizando o aprestamento de uma frota poderosa o suficiente para consolidar suas posses na América lusitana (Varnhagen, 2002).

Com ânimo revigorado, os holandeses decidiram começar a erguer uma torre de vigia na área do portão do Carmo. Quatro dias depois, a companhia do capitão Bastefeld, com cerca de 120 mercenários, escoltou dezenas de negros para retirar material do Calvário²³.

A vitória em Vitória

Em 12 de março de 1625, uma frota de seis vasos de guerra da Companhia das Índias Ocidentais, comandada pelo famoso almirante Pieter Heyn, tentou conquistar a sede da capitania do Espírito Santo, Vitória.

O donatário capixaba, Francisco de Aguiar Coutinho, organizou a defesa com companhias de emboscada. Alertados pelo frei Manuel do Espírito Santo, que mandou badalar os sinos do convento da Penha, os defensores evacuaram os civis da vila capital e posicionaram suas forças.

À frente de aproximadamente 400 moradores e reforçado por mais de 40 colonos e 70 brasilíndios aliados das capitanias do sul, que, a comando de Salvador Corrêa de Sá e Benevides, ali estava se reabastecendo para prosseguirem viagem para Salvador, o comandante local preparou a armadilha.

No combate que ocorreu próximo à Vitória, se destacou Maria Ortiz, uma jovem habitante que despejou água fervente sobre os invasores da janela de seu sobrado, encorajando os moradores a contra-atacarem com diversos objetos. Os flamengos recuaram, deixando 44 corpos para trás.

Derrotados na tentativa de ocupar a localidade, os mercenários de Heyn tentaram saquear engenhos no interior, mas foi surpreendido por uma flotilha comandada por Salvador Corrêa de Sá e Benevides. Apesar de ter conseguido abordar alguns navios, os luso-brasileiros recuperaram suas embarcações e forçaram os invasores a recuar.

Após oito dias de tentativas fracassadas e perdas elevadas, os invasores levantaram âncoras no dia 19 de março de 1625 e retornaram para a Europa²⁴. Dias depois, foi a vez das vitoriosas tropas de Salvador Benevides navegarem, só que para Salvador.

²³ O primeiro ataque foi feito pelos combatentes do capitão Jordão de Salazar, que estava na ermida. Depois, o capitão Francisco de Padilha chegou para reforçá-lo. O confronto ocorreu sob chuva, dificultando o uso de armas de fogo, e resultou em várias mortes e feridos de ambos os lados. A resistência matou nove holandeses, e feriu uns tantos outros, dos quais um capitão, que morreu dias depois. Além disso, os baianos recolheram do campo de batalha 18 mosquetes, dois alabardas, um tambor, e algumas espadas. Para tudo isso o custo nas forças luso-brasileiras foi de dois mortos e de uma dúzia de feridos. No final, só levaram de volta os corpos de seus colegas, sem conseguir uma pedra sequer, nem a cal tão necessária à construção de suas defesas. Cf. SALVA-DOR, 1627.

²⁴ Dentre as mortes sofridas nesta malograda incursão ao Espírito Santo estavam o almirante Wilhelm Jans, comandante da incursão, e Rodrigo Petry, um holandês que vivia no Brasil e que servira de guia aos invasores. Com raiva pela derrota, Heyn ordenou que matasse os capixabas capturados. Ver VARGAS, 1628.

Encurralados pelas companhias de emboscada

No final de março de 1625, ambos os lados aguardavam receber reforços na Bahia. Os ibéricos pretendiam recuperar Salvador, enquanto os neerlandeses queriam manter este ponto estratégico.

Aproximadamente 2.200 soldados e marinheiros, apoiados por um regimento de negros (tapanhunos), todos a serviço da Companhia das Índias Ocidentais, estavam entrincheirados na capital e aguardavam reforços das Províncias Unidas. Do lado de fora dos muros encontravam-se as companhias de assalto luso-brasileiras. Por volta de 1.400 guerreiros, além de destacamentos de ameríndios, esperavam reforços e artilharia para expulsar os invasores.



Fig. 3 - Planta da defesa da cidadela batava-sul-americana, de autoria do capitão e engenheiro militar responsável por aquelas fortificações de campanha, Joos Coecke²⁵.

Fonte: Magalhães; Xavier, 2022

A FORÇA LATINA RESTAURADORA CHEGA A SALVADOR

Como vimos, em 24 de julho de 1624, chegaram a Lisboa as notícias da queda de Salvador e as medidas do aclamado governador-geral Matias de Albuquerque Coelho. Diante da ameaça neerlandesa, mobilizaram-se lusitanos e castelhanos, apoiados por Estados subordinados, para expulsar os neerlandeses da Bahia. O resultado foi o aprestamento e envio da maior força militar de reconquista do século XVII: a Jornada dos Vassalos²⁶.

²⁵ Ela seguiu junto às informações sobre a situação das forças Orange em carta dezembro de 1624: “[...] havia cerca de 1.600 soldados, dentre esses uma companhia de negros, cerca de 550 marinheiros e também 12 navios bem equipados e prepararam três navios de fogo, para usar contra os espanhóis. A cidade estava bem fortificada com valas e bastiões e bem provida de armamento e munição. No lado norte havia uma bateria muito forte com 10 canhões, no lado sul encontram-se 10 canhões, 21 canhões perto da igreja que atiram ao longo dos barrancos. Em volta da cidade há mais de 60 canhões e diariamente se ocupam com fortificações. A água em torno da cidade tem 2 varas de profundidade e está fechada com um dique que o inimigo não tem como destruir, pois, está protegido por entrincheiramentos e por cercas. Na plataforma sobre a água há 12 canhões; é feita de madeira e pedra natural e o parapeito é de tijolo de cerâmica da Frísia”.

²⁶ A Península Ibérica preparou uma frota de 52 belonaves e 18 navios de transportes, sendo 29 castelhanos, 23 lusitanos e quatro italianos, fora outros. Era uma força de 12.566 homens de mar e terra, a maioria de espanhóis, mas havia também 4.348 portugueses e 1.583 napolitanos, todos comandados pelo generalíssimo de mar e terra D. Fradique de Toledo y Osório, Marquês de Villanueva de Valdeza. O poder de fogo respondia por 1.185 bocas de canhão, fora os milhares de arcabuzes e mosquetes. Muitos deles retornariam para combater os holandeses em sua segunda tentativa no Brasil. Dentre eles destacamos o então sargento-mor Giovanni Vincen-zo de Sanfelice, conde de Bagnoli, e Duarte de Albuquerque Coelho, donatário de Pernambuco. Ver DONATO, 1996.



A esquadra lusa zarpou de Lisboa em 22 de novembro de 1624, enquanto os vasos de guerra hispano-napolitanos partiram de Cádiz, a 14 de janeiro de 1625. As duas forças se reuniram em 14 de fevereiro no arquipélago de Cabo Verde e rumaram para o Brasil.

Em 29 de março de 1625, a armada chegou a Salvador. D. Fradique de Toledo, comandante ibérico, decidiu adentrar com a armada na baía de Todos os Santos, encurralando os vasos inimigos. Era o início da segunda batalha de Salvador, aquela que expulsaria os invasores neerlandeses e restauraria o Estado do Brasil (Ferreira, 1945).

Participação luso-brasileira na segunda batalha de Salvador

Nesta última fase da campanha, os luso-brasileiros desempenhariam um papel secundário. Inicialmente, com base nos dados coletados pelas companhias de emboscada, puderam muito bem ambientar os latinos sobre a situação e o moral dos sitiados, informando seus efetivos, detalhando suas posições e repassando outros elementos essenciais de informação.

Como as tropas das Duas Coroas foram distribuídas no terreno nas zonas de ação mais importantes, os guerreiros aventureiros receberam ordens para permanecerem em seus postos, auxiliando na ocupação de fortificações abandonadas, construção de estradas e movimentação de suprimentos. Vale lembrar que o apoio ao movimento e transporte terrestre e aquático, especialmente nas operações logísticas de fornecimento de alimentos e de patrulhamento foram cruciais para o sucesso da operação de cerco.

Nos últimos dias de março, D. Francisco de Moura e o grosso das tropas baianas ocuparam uma zona de ação no setor setentrional, entre o convento do Carmo e a baía, diante do colégio jesuíta. Ali, próximo às posições sitiadas, eram alvo constantes dos germânicos²⁷. No *front* sul, permaneceram duas companhias de emboscada, que, inclusive, participariam do contra-ataque que deteve o assalto frísio de 2 de abril de 1625. Como as baixas católicas foram altas neste confronto, os reforços luso-brasileiros provenientes de Pernambuco e Rio de Janeiro acabaram sendo alocados para recompor o efetivo latino naquele setor²⁸.

Em meados de abril, D. Fradique de Toledo decidiu fechar ainda mais o cerco, deslocando as forças baianas para ocuparem uma posição diante do outro lado do dique maior, de onde vigiariam aquele setor da frente frísia. Aqueles luso-brasileiros ficaram baseados em uma estância que ali havia e subordinados ao comando sul, cujo posto de comando estava no quartel de São Bento, vizinho àquele local.

²⁷ Ficando bem próxima às defesas de Salvador, e por isso, mais sujeita a duelos de mosquetes, foi entregue às tropas luso-brasileiras de Dom Francisco de Moura e seus capitães de assalto (Freyre, 1977).

²⁸ No dia 16 de abril, se apresentou para reforçar os sitiantes o contingente luso-brasileiro de 300 homens de Sá e Benevides, proveniente das capitanias meridionais e recém-chegado do Espírito Santo. Eles se juntaram ao contingente que chegara uma semana antes de Pernambuco, sendo ambos designados para auxiliar o terço do mestre-de-campo D. Francisco de Almeida, no setor de São Bento. Com eles seguiram cerca de 300 escravos para trabalharem nas fortificações de campanha, em especial no avanço de trincheiras, além do transporte de cargas. Cf. MENEZES, 1922.

Após quase um mês de bombardeio, em 30 de abril, o comandante invasor assinou a capitulação diante de D. Fradique²⁹. Salvador foi reconquistada, o governo devolvido a D. Francisco de Moura e as forças ibéricas partiram para outras batalhas na América e na Europa.



Fig. 4 - Mapa baseado na ilustração com o dispositivo de bloqueio de cerco das forças comandadas por D. Fradique de Toledo. Diferente de todas as batalhas da Guerra do Brasil, esta seria ganha mais pela artilharia do que pela infantaria.

Fonte: Biblioteca do Exército/Odebrecht, 1998.

O comandante-em-chefe latino e seus reforços retornariam à Europa em 1º de maio de 1625. Na Bahia, permaneceria um terço português com aproximadamente 1.000 soldados profissionais para defender o território do Estado do Brasil, como parte de uma reestruturação na defesa de toda a possessão luso-americana³⁰.

²⁹ No total depuseram armas 1.919 mercenários, entre soldados e marinheiros, sendo 56 oficiais. A maioria era jovem e bem adestrada, mas a heterogeneidade afetara a disciplina. Eram ingleses, franceses, batavos, alemães e poloneses. Junto estavam escravos, que, incluindo mulheres e crianças, passavam de 800, que ou foram restituídos aos seus antigos donos, ou, como foi o caso dos capturados vindos de Angola, vendidos aos senhores baianos ao preço da época (Vargas, 1626). As perdas das forças de El-Rei não foram altas: pouco mais de 200 mortos e perto de 150 feridos. Das baixas das forças restauradoras, 124 mortos e 144 feridos eram do efetivo da Jornada dos Vassalos, sendo um mestre-de-campo, seis capitães e 65 soldados mortos, além de nove capitães e 55 homens feridos (Ibid.). Estima-se que os Oranges perderam mais de 300 homens na reconquista de Salva-dor (Guedes, 1990). Dentre outros materiais bélicos aprisionados, estavam 18 bandeiras, quase 2.500 armas (1.578 mosquetes, 90 escopetas de sete palmos, 16 arcabuzes e centenas de armas brancas), perto de 2.000 barris de pólvora (500 quintais de pólvora), 21 de corda, milhares de granadas e outros petrechos e equipamentos de sapa e diversos outros petrechos menos significativos. A artilharia capturada também foi significativa. 42 canhões de bronze foram encontrados na cidade, nas muralhas e em quatro urcas fundeadas na baía, além de 179 de ferro, sendo 52 deles embarcados nas naus da WIC e quatro em terra danificadas por granadas e estilhaços. Havia ainda 35 pedreiros, donde oito estavam dispostos sobre os muros da cidadela batava e 27 nas embarcações. Por fim, um esmeril posicionado numa plataforma (Vargas, 1626, p. 287-289).

³⁰ Após a restauração de Salvador, Francisco Padilha, Manuel Gonçalves, Antônio de Moraes e Pero Mendes, capitães de emboscada que se distinguiram por sua bravura e liderança na campanha, foram confirmados capitães das companhias de infantaria do terço que guarneceria a Bahia (Salvador, 1954, p. 172). Nesse terço, também foram aceitos alguns não colonos se destacariam na campanha. O mais famoso foi um mulato de Salvador, Manuel Gonçalves Dória, que liderou companhias de emboscada na frente setentrional. Rival de Francisco Padilha em coragem e liderança, é provavelmente o primeiro herói moreno da Bahia. Já de negros tivemos Bastião e Antônio. O primeiro, um escravo que entrou na cidade armado com um facão. Ameaçado de enforcamento, fugiu com outros escravos. Inquirido por seis holandeses, reagiu, matando um deles e levando os outros para um pântano, onde matou quatro e capturou o último (Ibid.). O outro, um escravo de Santo Antônio, que lutou bravamente e mais tarde seria liberto.



ASPECTOS CONCLUSIVOS

A História e os mais renomados historiadores nos mostram que a guerra é, antes de tudo, a luta de duas vontades, vencendo-a quem por mais tempo conserva a fé inabalável na vitória final.

No decorrer deste artigo, observamos que a cada troca de comando, a estratégia de emprego das forças de resistência prevalecia a mesma, havendo apenas o aperfeiçoamento das ações táticas, objetivando um melhor desempenho das companhias de emboscadas que culminaram no sítio completo dos invasores, impactando na Guerra Brasília.

A versão luso-brasileira dessa guerra visava criar inquietação e causar a morte entre os inimigos, minando sua vontade de lutar e se aventurar fora dos muros da capital. Esta forma genuinamente nacional de combate se destacou como o primeiro emprego da atual Estratégia da Resistência.

A forma de desgaste se mostraria eficaz, incentivando mais ações de emboscada até a chegada de reforços. Tal iniciativa pode ser considerada um ponto de inflexão na Guerra Brasília. Enquanto os invasores primavam pela adoção de uma técnica ortodoxa, os invadidos se destacariam pela improvisação e pelo aproveitamento do terreno e dos recursos locais.

A inovação militar dos luso-brasileiros, calcada no emprego das peças de manobra das companhias de emboscada, foi fundamental para, quando sob o comando do bispo D. Marcos Teixeira, deter o avanço dos invasores rumo ao seu objetivo principal que eram as ricas fontes açucareiras. E teve sorte quando seus sucessores prosseguiram a adotando, tanto sob a liderança de Nunes Marinho, que logrou expulsar os intrusos das redondezas da capital, como depois negar a ele o uso dos espaços aquáticos, já sob comando do capitão-mor do Recôncavo. Tais atitudes enfraqueceram os flamengos, inclusive moralmente, até que a chegada de um reforço capaz de expulsá-lo de vez das paragens tropicais, que acabou ocorrendo em 1625, com a chegada da Jornada dos Vassalos.

O sucesso da conduta guerrilheira dos baianos, difundido entre seus irmãos de colônia, com quem haviam lutado lado a lado naquela campanha, serviria, mais tarde, de base para as futuras companhias de emboscada. Essas forças defenderiam, com o mesmo ardor e eficácia, Pernambuco, Paraíba e outros rincões durante a segunda invasão holandesa, ocorrida entre 1630 e 1654.

O que nos interessa, no momento, é saber se as companhias de emboscada transbordaram suas peculiaridades para outras atividades? Advogo que sim, baseado no que afirma Francisco Ruas Santos (1998, p. 120) que, se a guerra é um produto da cultura, é também um instrumento dela, os reflexos desta ganha vulto na História do Brasil, ao ratificar o dito pelo historiador Pedro Calmon (2002, p. 67), de que as invasões holandesas tiveram a virtude de amalgamar na sociedade luso-brasileira os elementos díspares da colonização, de um modo tão profundo, como desconhecido.

Quando as velas dos navios da frota holandesa invasora apareceram no horizonte, a população julgava ser mais um butim pirata que visava somente roubar e pilhar, demorando-se no máximo um mês em suas terras. Tal sentimento seria o mesmo em qualquer outro rincão da colônia luso-americana, uma terra de dimensões imprecisas, de formação étnica mestiça, com núcleos populacionais concentrados em engenhos de açúcar, aldeamentos indígenas e poucas vilas, separada por distâncias colossais para aquela época.



Um ano mais tarde, sem que se percebesse, tudo mudaria. Adotando uma fórmula “brasileira” de evolução, o convívio comum com o perigo, a necessidade de se auto protegerem, a solidariedade com quem era escorraçado de sua propriedade, o apoio mútuo em meios humanos e materiais, a união em prol de um ideal sobrepujando antigas desavenças, e, finalmente, o amor demonstrado pelos diversos tipos étnicos fizeram com que brotasse o nativismo no seio daquela gente. Vale lembrar que muitos negros, índios e mestiços foram exaltados por seus atos de bravura e liderança.

Por isso, os impactos sociais, econômicos, políticos e militares das companhias de emboscada extrapolaram, em muito, sua missão militar. Na verdade, na espinha dorsal da Guerra Brasílica é que se forjou um núcleo de sentimento real de defesa da sua terra a qualquer custo e até de ascensão social, sementes do nativismo brasileiro. Afirmando isso porque elas eram não só um mosaico da sociedade da época, mas porque a maioria de seus integrantes era composta por brasileiros natos, e não estrangeiros, e defendiam o Brasil, e não suas metrópoles ou países de origem. Novas e mais coesas relações humanas ali se desenvolveram mais fortes, diferentes das existentes antes da invasão, ou até mesmo em outros setores da comunidade assediada pelo invasor.

Por fim, dentro destas formações militares, as noites de constante vigília, as agruras do dia a dia, o desconforto de viver e dormir expostas ao frio e à chuva, enfrentando toda sorte de doenças, tendo animais selvagens ou selvagens mercenários ao seu encalço, recorrendo sua defesa física ao uso do que tinha em mãos, tudo sustentado com farinha de guerra e água pouco potável, numa vida sentida e vivida por aquele pequeno grupo, forjaria uma camaradagem mais que fraternal. E nesse ambiente onde tudo de material faltava, nunca rareou ânimo, nem se duvidou do sentimento comum de valorização da meritocracia, pois sabiam que ela é que conduziria as ações ao sucesso, ou minimizaria os fracassos. Enfim, no seio da companhia dos que nela pertenciam, nasceria a vontade de pátria, mais tarde escrito no compromisso sagrado dos insurretos pernambucanos.

Após uma maior concentração de meios e melhor assimilação das técnicas da Guerra Brasílica, em especial, com o implemento de uma guerrilha letal e reforçados por um novo bloqueio naval de naus ibéricas, os luso-brasileiros partiriam para a ofensiva final, vencendo os intrusos e consolidando-se no terreno. Isto ocorreu na expulsão dos franceses do Rio de Janeiro, no final do século XVI, e depois, do Maranhão, no início do século XVII. Tais fatores seriam mais tarde predominantes para alicerçar os sucessos dos luso-brasileiros contra os invasores neerlandeses, que mesmo tendo um caráter mais incisivo de conquista, acabariam expulsos tanto na Bahia, em 1625, como em Pernambuco, em 1654.

Em última análise, foram as companhias de emboscada, uma verdadeira fênix, concebida e conduzida por habitantes locais e por guerreiros luso-brasileiros, que emergiram das cinzas da primeira batalha de Salvador. Transformadas em elemento decisivo no enfrentamento à mais séria ameaça estrangeira ao território, tornaram-se o alicerce da vitória luso-brasileira na Guerra do Açúcar e, até hoje, simbolizam a criatividade nacional diante dos desafios que se impõem.



BIBLIOGRAFIA

- ALDENBURGK, Johann Gregor. *Relação da Conquista e Perda da Cidade do Salvador pelos Holandeses em 1624-1625*. Traduzida por Alfredo de Carvalho. Recife: 1913.
- ATLAS Histórico Escolar. Rio de Janeiro: FENAME, 1968.
- BEHRENS, Ricardo Henrique Borges. *A capital colonial e a presença holandesa de 1624-1625*. Salvador: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, 2004.
- BIBLIOTECA DO EXERCITO/ODEBRECHT. *O Exército na História do Brasil*, v. 1. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998.
- BIBLIOTHECA NACIONAL. *Documentos Históricos (1637 a 1639): Patentes, Provisões e Alvarás*. Rio de Janeiro: Typografia Monroe, 1930.
- CALMON, Pedro. *História da Civilização Brasileira*. Coleção Biblioteca Básica Brasileira. Brasília: Senado Federal, 2002.
- CASTRO, Adler Homero Fonseca de. *Muralhas de pedra, Canhões de bronze, Homens de ferro: fortificações do Brasil de 1504 a 2006*, v. 2 – Regiões Norte e Nordeste. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Exército Brasileiro, 2009.
- DONATO, Hernâni. *Dicionário das Batalhas Brasileiras*. São Paulo: IBRASA, 1996.
- ESTADO MAIOR DO EXERCITO. *História do Exército Brasileiro*, v. 1. Brasília: Estado-Maior do Exército, 1972.
- FERREIRA, Aurélio Alves de Souza. *História Militar do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1945.
- FREYRE, Francisco de Brito. *Nova Lusitânia: História da Guerra Brasileira*. Coleção Pernambucana, v. 5. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1977.
- LAET, Johannes de. *Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Occidentaes, desde o começo até o final do anno de 1636*. Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v.30, p. 2-165, 1912.
- MAGALHÃES, Pablo; XAVIER, Lucia. O Plano da Cidade de Bahia no Brasil: um mapa inédito de Salvador durante a ocupação holandesa (1624). *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Salvador, v. 117, p. 111-140, jan./dez. 2022.
- MENEZES, Francisco Henrique da Conceição. *Os holandeses na Bahia*. Salvador: Livraria e Typographia do Commercio, 1922.
- RODRIGUES, José Honório. *Historiografia e bibliografia do domínio holandês no Brasil*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1949.
- SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1954.
- SANTOS, Francisco Ruas. *A arte da guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998.
- SOUTHEY, Robert. *História do Brasil*. São Paulo: Obelisco, 1965.
- SOUZA JÚNIOR, Antônio. *Do Recôncavo aos Guararapes*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998.
- TAMAIIO DE VARGAS, Thomas. *Restauracion de la ciudad del Salvador, i Baia de Todos-Santos, en la Provincia del Brasil, por las armas de Don Philippe IV. el Grande, Rei Catholico de las Espanas i Indias, [et.]*. Madrid: Alonso Martin, 1628.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História das lutas com os holandeses no Brasil desde 1624 até 1654*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002.
- VIEIRA, Antônio. Anua ou Annaes da Provincia do Brazil dos dous anos de 1624, e de 1625. 1626. *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*. Vol XIX. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger. 1897, pp. 208-211. Disponível em: <https://historiacapixaba.com/documentos/anua-ou-annaes-da-provincia-do-brazil-dos-dous-anos-de-1624-e-de-1625-do-padre-antonio-vieira-1626/>. Acesso em: 5 mai. 2024.



Cláudio Ricardo Hehl Forjaz é coronel de Engenharia do Exército Brasileiro, engenheiro e professor. Mestre em Ciências Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército e em Operações Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. É bacharel em Engenharia Biomédica, Engenharia de Produção e Engenharia Civil. Pesquisador associado do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército.